

**SOBRE PROTAGONISTAS EMPREENDEDORES NAS SALAS DE AULA, OU UMA
LEITURA CRÍTICA DE TERMOS NEOLIBERAIS NA EDUCAÇÃO**

***SOBRE LOS PROTAGONISTAS EMPREENDEDORES EN LAS AULAS O UNA
LECTURA CRÍTICA DE LOS TÉRMINOS NEOLIBERALES EN LA EDUCACIÓN***

***ABOUT ENTREPRENEURIAL PROTAGONISTS IN CLASSROOMS, OR A CRITICAL
ANALYSIS OF NEOLIBERAL TERMS IN EDUCATION***



Ivan FORTUNATO¹
e-mail: ivanfrt@yahoo.com.br

Como referenciar este artigo:

FORTUNATO, I. Sobre protagonistas empreendedores nas salas de aula, ou uma leitura crítica de termos neoliberais na educação. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, n. 00, e023007, 2023. e-ISSN: 2236-0441. DOI: <https://doi.org/10.32930/nuances.v34i00.10105>



| **Submetido em:** 15/05/2023
| **Revisões requeridas em:** 22/07/2023
| **Aprovado em:** 09/08/2023
| **Publicado em:** 04/10/2023

Editores: Profa. Dra. Rosiane de Fátima Ponce
Prof. Dr. Paulo César de Almeida Raboni
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Itapetininga – SP – Brasil. Professor EBTT na Coordenadoria de Formação Pedagógica.

RESUMO: Este texto, escrito na forma de um ensaio, problematiza o uso dos termos protagonismo e empreendedorismo na educação. Argumenta-se que esses conceitos remetem a princípios neoliberais que, ao serem incorporados na educação, a reduzem a processos que servem à manutenção do *status quo*, normalizando a educação utilitarista e competitiva. Dessa maneira, apresenta-se a necessidade de se rejeitar as ideias de protagonistas empreendedores na educação. Em seu lugar, propõe-se a cooperação e a inclusão vital de emoções positivas na educação, as quais a sociedade pretere em nome da autorresponsabilização de cada um pelos seus próprios sucessos ou fracassos, indistintamente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Neoliberalismo. Protagonismo.

***RESUMEN:** Este texto, escrito en forma de ensayo, discute el uso de los términos protagonismo y emprendimiento en la educación. Se argumenta que estos conceptos remiten a principios neoliberales que, al ser incorporados a la educación, la reducen a procesos que sirven para mantener el statu quo, normalizando la educación utilitaria y competitiva. De esta forma, se presenta la necesidad de rechazar las ideas de los protagonistas emprendedores en la educación. En su lugar se propone la cooperación y la vital inclusión de las emociones positivas en la educación, que la sociedad descuida en nombre de la responsabilidad de cada uno por sus propios éxitos o fracasos, sin distinción.*

PALABRAS CLAVE: Educación. Neoliberalismo. Protagonismo.

***ABSTRACT:** This text, written in the form of an essay, discusses the use of the terms protagonism and entrepreneurship in education. It is argued that these concepts refer to neoliberal principles that, when incorporated into education, reduce it to processes that serve to maintain the status quo, normalizing utilitarian and competitive education. In this way, the need to reject the ideas of entrepreneurial protagonists in education is presented. In its place, cooperation and the vital inclusion of positive emotions in education are proposed, which society neglects in the name of the self-responsibility of each one for their own successes or failures, without distinction.*

KEYWORDS: Education. Neoliberalism. Protagonism.

Preâmbulo

Este texto é um ensaio sobre protagonismo e empreendedorismo na Educação. Sua escrita tem um objetivo único: rejeitar a apropriação dos conceitos de protagonismo (estudantil, juvenil, infantil...) e empreendedorismo na Educação. Esses termos, deliberadamente conduzidos pelo sistema neoliberal que organiza a vida planetária, se tornaram lugar-comum na literatura, nos documentos e nos discursos que abordam processos formais de ensino e aprendizagem. E isso não é de hoje.

Voltamos ao final do século passado, momento em que o mundo passava por uma transformação radical nos meios de comunicação, tornando-se efetivamente globalizado. Nesse contexto, explica Marrach (1996), que a educação já se rendia à retórica neoliberal ao conceder seu espaço formativo da seguinte maneira: (i.) a educação escolar e a pesquisa acadêmica seriam atrelados às necessidades do mercado; (ii.) as instituições educacionais se tornariam o local principal de disseminação dos princípios ideológicos do mercado (competição, cada um por si, lucro etc.); e (iii.) as escolas se tornariam clientes dos produtos de tecnologia e do material didático produzido no e pelo sistema neoliberal.

Foi assim, de forma ríspida e sem a menor indulgência, que a educação formal se tornou hospedeira de uma ideologia neoliberal, que normaliza as desigualdades sociais. Essas desigualdades resultam da meritocracia, na qual cada um é o único responsável pelos sucessos e fracassos em sua própria vida.

Esta escrita surge justamente por não concordar com essa ideologia. Trata-se de ensaiar argumentos contrários à apropriação indevida das ideias de protagonismo e empreendedorismo pela educação formal. Ao final, espera-se que os fundamentos cá apresentados mobilizem outros, ainda mais densos, substanciados e que busquem também contrariar o *status quo*.

Ensaçando a rejeição dos termos neoliberais na educação

Proto quer dizer o primeiro, o principal. Agon significa luta. Agonista, lutador. Protagonista, literalmente, quer dizer o lutador principal (COSTA, 2000 apud FIOREZE *et al.*, 2022, p. 702).

Sobre o conceito de protagonismo, é notório que sua utilização na educação não faz sentido e deveria ser abolido, desde sua etimologia apresentada na epígrafe; afinal de contas: ou a educação se resume a um processo individualizado, no qual há apenas um estudante, ou

não podemos chamar todos de “o principal”. Além disso, carrega a ideia de luta, como se fossem pelear entre si, restando vitoriosos e derrotados².

Podemos considerar outra origem ao termo, distinta da que foi dada na epígrafe. Segundo Ferretti *et al.* (2004, p. 113): “ao se voltar à etimologia do termo ‘protagonismo’, verifica-se que *protagnostés* significava o ator principal do teatro grego, ou “aquele que ocupava o lugar principal em um acontecimento”. Considerando que o teatro é uma forma de arte que trabalha com a representação alegórica da vida, podemos descartar a ideia de protagonismo na educação, pois se trata de viver a vida em si, de forma concreta, com todos os riscos que estar vivo acarreta.

O que temos de semelhante nas duas definições etimológicas é a ideia de uma pessoa sendo a principal, a mais importante, seja na luta, seja no teatro. Uma pessoa. As demais são apenas coadjuvantes ou mero figurantes. Daí a pergunta: é isso mesmo que queremos com a educação, que cada estudante veja a si mesmo como o lutador mais importante e as demais pessoas (colegas, professores, técnicos, administradores, familiares...) como adversários ou observadores?

O texto até poderia se encerrar aqui, pois o recado está dado: não deveria haver protagonismo na educação. Contudo, ficam dúvidas: o que se espera, então, quando se reúnem dezenas de protagonistas e um docente em uma sala de aula? E podemos ir além, questionando: qual espetáculo tais protagonistas devem encenar e para quem? O roteiro sabemos qual é: o que está bem descrito no currículo nacional, detalhado no material didático disponibilizado, tendo suas respostas (supostamente) corretas já anotadas no livro do professor. Ainda, e talvez mais importante, podemos perguntar: como se chegou a essa ideia, e por que foi aceita e incorporada na educação, tomada como legítima nos processos de ensino e aprendizagem?

Voltando à Ferretti *et al.* (2004), encontramos a hipótese de que haveria um problema de semântica no uso do termo protagonista na educação, sendo usado como uma espécie de sinônimo para participação democrática. Isso quer dizer que a ideia geral do termo não seria a de sua etimologia de lutador ou personagem principal, mas a de estudante que participa ativamente em um processo educativo orientado pela democracia. Recentemente, em um texto escrito de autoria partilhada, rejeitamos essa hipótese de mero erro semântico, ao afirmar que

² Importante sempre deixar registrado que o uso de substantivos no masculino tem apenas o propósito de dar fluidez à escrita e à leitura. Não se trata de nenhuma exclusão, pelo contrário, pois é objetivo que todas as pessoas se sintam contempladas no texto.

“não acreditamos no protagonismo na educação; somos pessoas vivendo em um mundo complexo, não personagens de uma alegoria neoliberal” (FORTUNATO *et al.*, 2022, p. 8).

Nossa rejeição à hipótese de erro semântico se deve ao fato principal de que a ideia de centralidade à cada pessoa nos processos da vida é base do discurso neoliberal, portanto, seu uso na educação não seria mero acaso ou algo refratário de um uso incorreto do termo. Isso quer dizer que o protagonismo faz parte de um conjunto de ideias e atitudes que preveem o individualismo e a responsabilidade individual pelos eventuais (e inerentes) fracassos no sistema social vigente.

Faz parte desse rol de termos neoliberais o *empreendedorismo*, quase sempre acompanhado de *inovação*. Enquanto a literatura acadêmica, segundo Souza (2023), ainda apresenta incertezas e divagações sobre o significado de empreendedorismo, a internet já se apropriou bem do termo: pesquisa simples no buscador revela diversos sítios virtuais que, praticamente em consonância, dizem que o empreendedor é uma pessoa que, por iniciativa particular, começa um negócio de venda de produtos ou serviços. Uma das definições encontradas em um dos inúmeros *sites*³ é bem clara: “empreender depende do ‘eu’, portanto, da ação de uma pessoa”.

E é justamente pelo mundo se voltar cada vez mais para o *eu*, praticamente inibindo processos coletivos, cooperativos e democráticos, que o empreendedorismo vem acompanhado da *inovação*. São tantas pessoas empreendendo que o discurso também precisou se adaptar ao contexto, impondo às pessoas que dependem apenas delas mesmo em seus empreendimentos que, para se manterem, *é preciso fazer diferente para se destacar*. É possível ver o efeito desse empreendedorismo inovador nas palavras de Souza (2023):

Um dos principais motivos que se pode atribuir a essa escalada empreendedora é sua utilização enquanto política para a criação de cidadãos cada vez mais “autônomos” e “independentes”, ou seja, pessoas cada vez mais autorresponsabilizadas com a consciência de que devem empreender para atingir tanto metas pessoais como profissionais (SOUZA, 2023, p. 76, grifo meu).

No trecho citado, o autor dá destaque às palavras autônomos e independentes, colocando-as entre aspas. Parece que essas são aquelas aspas sarcásticas, usadas para qualificar as coisas com ironia, ceticismo e/ou para indicar contradição. No caso dos predicados autônomos e independentes, utilizados na citação, o caso parece ser, ao mesmo tempo, tudo isso; ou seja, uma ironia, uma demonstração de ceticismo e a identificação de uma contradição.

³ Disponível em: <https://g4educacao.com/glossario/significado-empreendedorismo>. Acesso em: 10 mar. 2023

A ironia está na observação de que há um discurso de autonomia e independência que rege o sistema neoliberal, mas, enquanto tais palavras proclamam essa liberdade individual, o sistema opera tornando as pessoas cada vez mais dependentes do próprio sistema. Daí o ceticismo: não se pode acreditar que o excesso de empreendedores no mundo seja a concretização de um projeto de liberdade e igualdade; muito menos de fraternidade.

Por isso, a contradição é evidente: tornar-se empreendedor, nesse mundo de projetos individuais, de cada um por si, muitas vezes, não é uma escolha. Em muitos casos, é a única opção de sobrevivência. Nesse sentido, observa-se que não há autonomia alguma, pois o empreendimento, essa atitude individual de empregar a si mesmo, não se trata de uma escolha de um modo de vida. Assim como não há independência; pelo contrário, pois ao empreender como única alternativa, a pessoa resta-se totalmente dependente de seu empreendimento, o qual, por sua vez, está sujeito às condições do sistema.

Isso leva ao termo grifado por mim na citação: a autorresponsabilização. Isso quer dizer que a autonomia e a liberdade conquistadas pelo *protagonismo* do *eu empreendedor* levam à responsabilidade de si pelo fracasso ou pelo sucesso pela sua atitude individual. Claro que a ideia de fracasso ou sucesso é circunstancial, contudo, no nosso sistema significa, respectivamente, encerrar o empreendimento por falta de recursos ou prosperar financeiramente.

Graças a essa perspectiva da autorresponsabilização que a educação gosta tanto de falar em protagonismo. Isso porque, quando uma pessoa empreendedora prospera, pode-se dizer que os motivos para tal opimo foi o fato de ter se esforçado copiosamente para se apropriar das competências fornecidas durante os anos de estudos, portanto, o sucesso é resultado de uma educação de excelente qualidade. Por outro lado, quando há o fracasso, não há o que se lamentar, exceto pela própria falta de vontade em assimilar tudo o que foi entregue nos bancos escolares. Em resumo, o protagonismo implementado desde a infância, que percorre toda a escolarização, tende ao empreendedorismo.

As palavras de Vicentin e da Silveira (2021) puderam captar bem essa relação entre o protagonismo na escola e o empreendedorismo inevitável. Segundo os autores,

[...] ao propor que os alunos, via política educacional, assumam o protagonismo de suas vidas e se tornem responsáveis pelo desenvolvimento de seus projetos e sonhos, que se responsabilizem pela trajetória escolhida, Estado e escola atuam e produzem subjetivamente sujeitos que, mergulhados em uma razão neoliberal, devem atuar como empresas, devem constituir-se como empreendedores de si, pois este é o mundo e os desafios do

contemporâneo que a proposta de uma nova escola apresenta e representa (VICENTIN; DA SILVEIRA, 2021, p. 32).

Está evidente, na citação, que o protagonismo chega à escola pela razão neoliberal. No Brasil, essa razão adentra a escola por meio da nossa Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), mais conhecida como BNCC. Documento que deveria ser norteador das ações, é tomado como regra para elaboração de material didático, dos currículos municipais e estaduais, das avaliações em larga escala e da formação docente.

Nesse documento, o termo “protagonismo” aparece 46 vezes ao longo do texto (protagonista aparece nove vezes), sendo que “os itinerários devem garantir a apropriação de procedimentos cognitivos e o uso de metodologias que favoreçam o protagonismo juvenil” (BRASIL, 2018, p. 478). Embora a Base não se ocupe em definir o protagonismo, há casos em que parece ser sinônimo de autonomia, mas há outros em que surge ao lado de autonomia, implicando que se trata de outra coisa; isso aparece, por exemplo, neste trecho sobre alfabetização: “[...] aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de [...] participar com maior autonomia e protagonismo na vida social” (BRASIL, 2018, p. 63). Em outros casos, a palavra apenas aparece como advérbio, sem que esclareça exatamente o que se propõe, como, por exemplo, quando se afirma que “[...] o ato de escrever é também concebido como prática social [...], oportunizando aos alunos agir com protagonismo” (BRASIL, 2018, p. 244).

Já as palavras relacionadas com a ação de empreender aparecem apenas cinco vezes, surgindo pela primeira vez em um dos objetivos do Ensino Médio, chamado de “preparação básica para o trabalho e cidadania” (BRASIL, 2018, p. 465). A Base considera que a escola, para alcançar tal objetivo, deve “proporcionar uma cultura favorável ao desenvolvimento de atitudes, capacidades e valores que promovam o empreendedorismo [...] prever o suporte aos jovens para que [...] desenvolvam uma postura empreendedora, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral”.

Além disso, embora seja pouco mencionada na Base, empreendedorismo recebe destaque, sendo um dos chamados *eixos estruturantes* dos itinerários formativos propostos pelo documento, sendo “IV – empreendedorismo: supõe a mobilização de conhecimentos de diferentes áreas para a formação de organizações com variadas missões voltadas ao desenvolvimento de produtos ou prestação de serviços inovadores com o uso das tecnologias” (BRASIL, 2018, p. 479).

Para dizer o essencial: a BNCC reconhece que os processos educativos devem oportunizar o estabelecimento de *protagonistas* (cada um sendo o lutador ou personagem principal e seus colegas e professores os coadjuvantes e figurantes), pois, no final, será mesmo cada um por si, enfrentando-se no competitivo mercado de empreendedores inovadores. O sucesso será conquistado por aqueles que se apropriarem bem das competências ofertadas durante os anos de escolarização. O fracasso será tão somente autorresponsabilidade de cada protagonista, que não quis aproveitar os anos de estudo.

Em contraste com protagonismo e empreendedorismo, temos a *cooperação*, sendo utilizada 13 vezes na BNCC. A cooperação tem sua origem no latim *cooperare*, que significa trabalhar junto; no Dicionário On-Line, sua definição praticamente se esgota nela mesmo, sendo compreendida como auxiliar outras pessoas, fazer coisas juntos etc. Nesse sentido, enquanto protagonizar é tomar lugar de destaque (numa luta ou numa encenação) e o empreendedorismo é a ação de uma pessoa, a cooperação implica agir junto, portanto, não se coopera sozinho tampouco existe a figura do mais importante. É como bem expôs Frantz (2001, p. 242): “vou definir a cooperação como um processo social, embasado em relações associativas, na interação humana, pela qual um grupo de pessoas busca encontrar respostas e soluções para seus problemas comuns, realizar objetivos comuns [...]”.

Das poucas menções à cooperação, cinco delas aparecem ao lado de “resolução de conflitos”, outras duas aparecem como aliança política e econômica internacional e outra aparece em um rol de habilidades, ao lado de autonomia e empreendedorismo. Quando é mencionada na unidade temática esportes, na seção sobre Educação Física, cooperação se torna um critério de lógica interna, assim como a interação com o adversário. Nesse sentido, observa-se que a cooperação expressa na Base, não é entendida como a definição anterior dada por Frantz (2001), mas como uma habilidade aparentemente sem lastro na sua etimologia de colaborar, auxiliar, trabalhar em conjunto...

Assim, além de apresentar essa desproporção entre os substantivos individuais (protagonismo e empreendedorismo) e o coletivo (cooperação), a BNCC ignora, ao longo de suas seis centenas de páginas, a palavra *felicidade*. Isso quer dizer que, em momento algum do texto, surge a ideia de que a escolarização deveria ser um processo que almeja a promoção da felicidade em nossa sociedade, nem que as pessoas poderiam, ao menos, cogitar a hipótese de que a vida planetária tende a ser feliz. Vai-se caracterizando, assim, que o importante é que cada um dos protagonistas tome a parte que lhe cabe no sistema, sendo autorresponsável pela sua parcela empreendedora.

O documento também desconsidera a possibilidade de *alegria*, exceto na primeira frase da apresentação, sendo o sentimento registrado pelo então ministro da educação, ao publicar a BNCC. Outras emoções positivas como *esperança*, *amor*, *afeto* e *fraternidade* são ignoradas pela Base, exceto com uma outra menção em contextos que não tratam desses sentimentos nos processos educativos. Afinal, um lutador principal não deve mesmo demonstrar tais sentimentos, exceto, talvez, a *alegria* ao derrotar seus adversários.

Já escrevi sobre como a escola trabalha com esse descompasso entre protagonizar um mundo de empreendimentos individuais e ser feliz em um lugar de cooperação (FORTUNATO, 2021). Nesse referido escrito, fiz uma leitura fracionada do clássico filme *Sociedade dos Poetas Mortos*, focando no contraste entre os pilares da educação de excelência do colégio fictício onde se desenrola a trama, e a ausência de alegria e felicidade em seus estudantes. O colégio fictício do longa-metragem apenas dramatizava a realidade vivida por estudantes mundo afora, tal qual visto na nossa BNCC e nas expectativas mais gerais sobre a educação escolar, isto é: uma escola que deve preparar seus estudantes para o futuro, mesmo ciente que essa preparação é beligerante e excludente, fortalecendo o *status quo*.

O filme também nos revela que enfrentar o sistema contrariando-o é uma forma excelente de fortalecer o próprio sistema, tornando errado aquele que oferta resistência. Assim, o que resta à escola são os pilares da educação de qualidade: tradição, honra, disciplina e excelência. Alegria, felicidade, afeto, esperança, cooperação etc., portanto, não adentram às salas de aula, pois não são considerados pilares de uma educação excelente.

Assim, ousou dizer que a felicidade somente se torna pilar de uma educação que pouco se importa se é de excelência ou não. Esses lugares existem, mas são raríssimos. Particularmente, conheço apenas a escola de Summerhill, estabelecida por Alexander S. Neill em Suffolk, na Inglaterra, onde há três pilares que sustentam sua forma de trabalho, desde sua fundação no ano de 1921: liberdade, autogoverno e *felicidade*. Já escrevi sobre esses pilares em um texto laudatório, festejando o centésimo natalício da escola (FORTUNATO; PORTO, 2023).

Os pilares da concreta e centenária escola de Summerhill são diametralmente divergentes dos pilares da alegórica escola do filme – embora essa represente de forma mais concreta a ideia geral dos objetivos da educação formal, ofertada nas escolas e universidades, praticamente em todo planeta. Enquanto uma tem como propósito a vida coletiva, a descoberta de si mesmo e do respeito pelos outros e pelo lugar onde se vive, a outra apenas almeja a repetição e o fortalecimento de uma sociedade onde cada um é protagonista de seu próprio

empreendimento. Enquanto Summerhill foi fundada pensando na vida em comunidade, a tradicional escola da excelência pensa nos resultados individuais, ovacionando seus melhores lutadores/atores.

A mim, qual caminho é melhor parece óbvio. Não obstante, o cotidiano visto e vivido, as políticas públicas e até mesmo a concepção mais generalizada da sociedade sobre a educação evidenciam que a rota da tradição, honra, disciplina e excelência é a que segue cada vez mais fortalecida.

Prólogo

Tudo se passa como se se tivesse passado de uma escola muito dependente de um nacionalismo cultural muito estreito a uma escola corroída pelo egoísmo utilitarista. Essa concepção da educação hoje dominante é parte integrante da visão de uma humanidade composta por pequenos soldados da guerra econômica mundial (LAVAL, 2004, p. 322).

Para finalizar esta escritura, compartilho e acato as palavras citadas na epígrafe. Os estudantes qualificados como *pequenos soldados*, ou seja, os *protagonistas*, sendo cada um o mais importante lutador, cada um como a personagem principal de um espetáculo neoliberal promovido na e pela sociedade. Esses *pequenos soldados* enfrentam-se nessa *guerra econômica* por meio das ferramentas adquiridas ao longo da vida, no qual cada um edifica seu quartel-general, ou melhor, seu empreendimento individual inovador.

Como consequência de toda guerra, há muitos danos, assim como há os que perdem e os que ganham... E na guerra econômica, dizem, ganhar ou perder é apenas resultado de seu próprio esforço; isto é, cada um é autorresponsável pelo seu sucesso ou fracasso.

A educação nada faz para que se tome outro rumo. Pelo contrário, segue fortalecendo, cada vez mais, o *status quo*.

É exatamente o que registraram Silva, Moura e Brunet (2023, p. 13), “o avanço indisfarçável dos interesses do mercado na construção dos currículos, das metodologias de ensino, da formação de professores, da gestão e do financiamento escolar”, são reflexos do modo invasivo do neoliberalismo à educação. Na sequência, como efeito colateral negativos, afirmam: “a educação perde sua capacidade transformadora e crítica, tendo em vista o atendimento irrestrito aos desígnios mercadológicos e o desenvolvimento do capital humano”.

Aqui, neste texto, busquei dar destaque a dois *mantras neoliberais*, protagonismo e empreendedorismo, cujo uso excessivo na educação aparentemente já se tornou uma ordem. Tais conceitos estão popularizados nos documentos norteadores do currículo, os quais, embora

se apresentem como guias, são doutrinas prescritivas seguidas convictamente por todas as esferas da educação. Chegam até nós, professores e professoras, com a chancela “cumpra-se”.

Ao ousar qualquer contradição à bússola do protagonismo empreendedor, o sistema logo responde com censura; em caso de reincidência, punição. As respostas são rápidas à ousadia de enfrentar a ordem posta e acatada por praticamente toda a sociedade. Não há lugar para utopia, para os afetos, para a cooperação ou para a esperança. Aliás, isso foi trabalhado em outro texto, no qual se abordou como a educação tem servido à propagação de males em nossa psique, evitando que a compreensão sobre nosso modo de vida seja menos racional e mais afetivo, menos pragmático e mais subjetivo (RODRÍGUEZ; FORTUNATO, 2021).

Por isso, ao final, mesmo ciente de que toda elucubração cá trazida não passa de um exercício retórico diante o contexto utilitarista, pragmático, econômico, cético e de desencantamento em que vivemos, fica a sensação de que enunciar tudo isso é necessário. Apontar caminhos distintos daquilo que está posto, penso, é uma forma dupla de resistir e de esperar. Resistir contra um mundo de soldados principais da silenciosa, porém letal, guerra econômica. Esperar por um mundo de afetos e cooperação. Quem sabe a educação não se coloque nessa rota, em breve?!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

FERRETTI, C. *et al.* Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2004. DOI: 10.1590/S0100-15742004000200007.

FIOREZE, C. *et al.* Um documento para chamar de nosso: refletindo o protagonismo estudantil a partir da experiência de uma universidade comunitária. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 27, n. 03, p. 695-713, 2022. DOI: 10.1590/S1414-40772022000300016.

FORTUNATO, I. *et al.* Educação Decolonial Planetária em três aforismos. **EduSer**, Bragança, v. 1, n. 1, p. 1-11, 2022. DOI: 10.34620/eduser.v1i1.219.

FORTUNATO, I. Educação e o tempo presente: menos carpe diem, mais alegria na escola. **Quaestio**, Sorocaba, v. 23, n. 1, p. 199-209, 2021. DOI: 10.22483/2177-5796.2021v23n1p199-209.

FORTUNATO, I.; PORTO, M. do R. S. Das inspirações de A. S. Neill ao centenário de Summerhill: liberdade, autogoverno e felicidade. **Revista História da Educação**, São Leopoldo, v. 27, e125048, 2023. DOI: 10.1590/2236-3459/125048.

FRANTZ, W. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 3, n. 6, p. 242-264, 2001. DOI: 10.1590/S1517-45222001000200011.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

MARRACH, S. A. Neoliberalismo e educação. *In*: SILVA JR., C. A. *et al.* (org.). **Infância, educação e neoliberalismo**. São Paulo: Cortez, 1996. p. 42-56

RODRÍGUEZ, M. E.; FORTUNATO, I. Males de la psique en la educación: urgencia en el re-ligar del pensamiento. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 3, p. 1754-1774, 2021. DOI: 10.21723/riaee.v16i3.15195.

SILVA, F. V. da; MOURA, T. S. de; BRUNET, P. D. de M. Sob a bandeira neoliberal: Exame de propostas para a educação em postagens de candidatos do partido novo no Instagram. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 34, e023003, 2023. DOI: 10.32930/nuances.v34i00.9779.

SOUZA, H. C. O Empreendedorismo e suas principais vertentes teóricas: uma visão crítica. **Revista Estudos e Pesquisas em Administração**, Rondonópolis, v. 7, n. 1, p. 71-98, 2023. DOI: 10.30781/repad.v7i1.14558.

VICENTIN, M.; DA SILVEIRA, C. R. Projeto de vida do Programa Ensino Integral: Protagonismo neoliberal. **Revista Interedu**, Osorno, v. 5, n. 11, p. 11-39, 2021. DOI: 10.32735/S2735-65232021000596.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não aplicável.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e material: Não aplicável.

Contribuições dos autores: Autoria individual.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

